

## REFLEXÕES A RESPEITO DO DICIONÁRIO\*

Elaine Therezinha ASSIRATI\*\*

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão teórica sobre uma das mais importantes obras lexicográficas: o dicionário. Serão enfocados os seguintes tópicos: o dicionário, a tipologia dos dicionários e as principais etapas na elaboração desta obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicionário. Léxico. Lexicografia. Tipologia. Fases de elaboração.

## INTRODUÇÃO

O *dicionário* é um objeto sociocultural do qual as nações civilizadas não podem prescindir. Ele está intimamente relacionado com a comunicação, seja escrita ou oral. Os falantes de uma dada língua vão ao dicionário todas as vezes que possuem dúvidas a respeito da grafia de uma palavra, sua classe gramatical, sua pronúncia, seu significado, depositando toda a confiança nessa obra, a qual acreditam que tenha sido impecavelmente elaborada. Os usuários do dicionário sabem intuitivamente que quanto maior for o dicionário, melhor será a sua qualidade porque presumem que o tesouro vocabular será tratado com competência pelo(s) dicionarista(s).

O tesouro vocabular reflete o momento histórico da evolução da língua e se insere dentro de uma certa *norma cultural*. Nas palavras de Dubois “Essa norma não é definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas também por aquela dos enunciados engendrados pelo modelo sociocultural. Os termos não remetem apenas às palavras da língua; eles não são somente objetos da metalíngua lingüística; eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão do mundo”(DUBOIS, 1971:99-100). Segundo o Autor, o dicionário representa uma norma da cultura da comunidade, de modo que os falantes farão uso dos termos relacionados no dicionário, e assim, inserirem-se nessa comunidade.

O dicionário é constituído de entradas léxicas, que ora descrevem um elemento lingüístico, ora um elemento cultural. Dependendo da dimensão do dicionário, como o dicionário geral da língua, por exemplo, o lexicógrafo realiza essa descrição com o intuito de cobrir todas as épocas, embora se coloque numa perspectiva sincrônica.

Esta obra diferencia-se das demais por ser o texto lexicográfico apresentado em forma dupla: ele é composto pela *macroestrutura* ou *nomenclatura*, uma seqüência vertical de elementos que são denominados *lemas* ou *palavras-entrada*, apresentados geralmente em ordem alfabética, e pela *microestrutura*, seqüência horizontal que corresponde às informações sobre as entradas, denominada *verbete*, onde se encontram a definição, o(s) equivalente(s), a informação gramatical, a transcrição fonética, dentre outras.

Jamais um dicionário poderá conter *todas* as palavras de uma língua, como expressam as belas palavras de Ezquerri: “o léxico é um conjunto aberto de unidades em contínua renovação, onde as palavras e acepções, que não se podem cingir a algumas folhas de papel, por mais que as chamemos dicionário, entram e saem

\* Parte de um dos capítulos de minha tese de doutorado (Assirati, 2002)

\*\* Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga (FATEC-TQ) – 15.900-000 – Taquaritinga – SP;  
Faculdade de Educação São Luís – 14.870-000 – Jaboticabal – SP, Brasil. eassirati@ig.com.br

sem descanso para revigorar o sangue da língua.”(EZQUERRA, 1980:107) (tradução nossa)

Por ser o dicionário um produto cultural feito para ser consumido pelo público em geral, ele é também um produto comercial. Sendo assim, é necessário que seja feito um planejamento para sua elaboração, pois, além dos aspectos lingüístico e cultural da obra, também devem ser atingidos os objetivos de mercado. Portanto, certos detalhes têm de ser observados, tais como: para quem o dicionário será destinado, isto é, que tipo de usuário está sendo visado; quais serão suas dimensões, a natureza e a quantidade de informações e o seu custo final ao consumidor. Então, faz-se necessária uma pesquisa prévia, para que se possa precisar quais são as necessidades do leitor e do mercado.

É oportuno lembrar que, apesar de ser considerada uma obra perfeita, o dicionário nem sempre atende a essa expectativa. Ao criticar duramente os dicionários escolares, Hernández (1989:1) afirma que esses são “meras reduções inorgânicas” dos dicionários gerais, nos quais se suprimem entradas, abreviam-se definições, e deixam de colocar acepções, tudo em nome do editor. Exemplos disso são alguns bilíngües escolares inglês/português-português/inglês, utilizados pelos nossos alunos em sala de aula. O **Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês**, por exemplo, é, no que diz respeito a algumas definições, uma simples redução do **Oxford Advanced Learner’s Dictionary of Current English**: para o lema *assignment*, enquanto aquele apresenta o equivalente “(escola) trabalho”, este traz a definição “a task or duty that is assigned to sb: homework assignments”, de modo que tal redução poderá acarretar prejuízos ao consulente em relação à compreensão do vocábulo.

Feitas algumas considerações a respeito do dicionário, remetemos o leitor a algumas definições da obra, recolhidas de vários autores da área do saber lexicográfico, para, assim, proporcionar-lhe talvez uma visão mais ampla.

Dubois *et alii* (1973) consideram o dicionário como um objeto cultural no qual está representado o léxico de uma ou mais línguas, que se dispõe em ordem alfabética, e fornece aos termos determinado número de informações. Para os Autores, essas informações possibilitam ao leitor fazer uma tradução de uma língua para outra ou podem orientá-lo nas dúvidas que ele tenha sobre um texto, na sua própria língua. Afirmam ainda que o dicionário tem como objetivo o domínio dos meios de expressão e o aumento do conhecimento cultural do leitor.

Na visão de Rey-Debove (1984), os dicionários são obras descritivas imprescindíveis no processo de aprendizado de uma língua, porém reconhece que, apesar de ser um dos objetos culturais mais utilizados, são muito pouco conhecidos. É curiosa a questão que a Autora lança sobre os dicionários, perguntando-se se eles não são a descrição completa do léxico, para logo após afirmar que assim o crêem os usuários que, por sua vez, são persuadidos pelas propagandas.

Biderman (1998) vê o dicionário como um instrumento cultural capaz de se referir tanto à língua como à cultura. Para a Autora, os dicionários representam a organização sistemática do léxico e se constituem numa tentativa de descrição desse mesmo léxico. Considera que o dicionário deve registrar a norma lingüística e lexical em uso na sociedade para a qual foi elaborado, de modo a documentar a práxis lingüística dessa sociedade, o que torna a lexicografia de hoje distinta daquela que se fazia no passado: o dicionário de Littré, da língua francesa, é um exemplo da lexicografia praticada no século XIX, que se pautava apenas em modelos literários.

Nas palavras de Haensch & Wolf (1982) todos nós consultamos dicionários, sejam monolíngües, sejam bilíngües; no primeiro caso, para sabermos a grafia correta das palavras, o seu significado e os seus possíveis usos na nossa língua materna e, no segundo caso, para conhecermos os equivalentes da língua materna em uma língua estrangeira, ou vice-versa. Para os Autores, ignoramos o quanto podemos usufruir de um bom dicionário, pois negligenciamos sua parte introdutória, bem como não temos consciência de quanto trabalho envolve a elaboração de uma obra lexicográfica.

Já Ezquerria (1980:103) admite que é difícil definir “esse conjunto de obras que chamamos dicionário”. Para o Autor, a quantidade de respostas pode ser numerosa e é provável que não se chegue a uma solução convincente, uma vez que o dicionário pode ser utilizado de diversas maneiras e para diferentes finalidades.

Julio Casares (apud Hernández, 1989:15), por sua vez, faz uma crítica à Real Academia Espanhola, que define o dicionário como “livro em que, por ordem alfabética, estão contidas, definidas ou explicadas todas as palavras de um ou mais idiomas, ou as de uma ciência, faculdade ou matéria determinada” (tradução nossa). Casares aponta como discutível o fato do dicionário ser organizado apenas em ordem alfabética, admite que a obra não precisa, necessariamente, ser ordenada dessa maneira, pois, se assim fosse, o que seria das línguas que não dispõem de alfabeto, como o chinês? Embora reconheçamos que Casares tenha uma certa razão, não podemos deixar de admitir que o dicionário classificado alfabeticamente permite uma consulta muito mais rápida, além de ser o método geralmente usual nas línguas modernas do ocidente.

Tendo em vista as definições acima, atribuídas ao dicionário, procederemos agora ao estudo da sua tipologia.

### 1. Tipologia dos dicionários

Comentaremos, agora, a *tipologia dos dicionários*. Biderman (1998) os classifica em vários tipos, a saber: entre os dicionários monolíngües, os *dicionários de língua*, os *dicionários analógicos* (ou *ideológicos*), os *dicionários temáticos* ou *especializados* (de verbos e/ou regência verbal, de sinônimos e antônimos), os *dicionários etimológicos*, os *dicionários históricos* e os *dicionários terminológicos*.

Dentre os dicionários de língua, aponta como os mais utilizados nas sociedades de hoje o *dicionário padrão* e o *dicionário geral da língua*, e outros menores, como: o *mini-dicionário*, os *dicionários escolares* e os *dicionários infantis*. Classifica-os de acordo com a sua nomenclatura (macroestrutura): o *dicionário-padrão*, com uma extensão de 50.000 a 70.000 verbetes; o *dicionário escolar*, com 25.000 palavras-entrada, aproximadamente; o *dicionário infantil*, cuja nomenclatura abarca, para a faixa etária de 7 a 10 anos, 10.000 palavras e, para a faixa etária com menos de 7 anos, 5.000 palavras; e o dicionário do tipo *thesaurus*, com mais de 100.000 verbetes, que constituiria o dicionário geral de língua. Biderman considera o dicionário geral da língua responsável pela descrição e documentação ideal do léxico de uma língua, ressaltando, porém, que este ideal nunca pode ser alcançado, uma vez que o léxico está em constante crescimento, sobretudo nos dias de hoje, quando novos termos, de diversas áreas, como a científica e a tecnológica, surgem incessantemente. Por conseguinte, nenhum dicionário, por mais volumoso que seja, poderá conter todas as palavras de uma língua de civilização. A esse respeito, Ettinger opina: “usualmente os dicionários monolíngües ou bilíngües não podem registrar mais que o lingüisticamente realizado e, em geral, com algum atraso no tempo e de forma incompleta. Nesse sentido, poder-se-ia definir os dicionários como registros atrasados e incompletos da norma”.(ETTINGER, 1982:359) (tradução nossa).

Crerios classificat6rios semelhantes aos de Biderman s6o os de Y. Malkiel (apud Hern6ndez, 1989:24).

Segundo esse Autor, ao se classificar os dicionários, devem ser considerados vários aspectos como a classe, que diz respeito à extensão do *corpus*, de acordo com o número de entradas, de línguas e de informações léxicas; a perspectiva, que corresponde à limitação do *corpus*, a diacronia / sincronia, a organização convencional, semântica ou arbitrária, e a natureza objetiva ou normativa, assim como a apresentação dos elementos como a definição, os verbos, as ilustrações e outros.

Rey-Debove (1984) considera que há três tipos de dicionários, se tivermos como objetivo a informação sobre os signos e as coisas: o *dicionário lingüístico*, que só informa sobre os signos, sem dar a definição (dicionário etimológico, por exemplo); a *enciclopédia*, que somente dá informações sobre as coisas, incluindo a definição (dicionário técnico, por exemplo); e o *dicionário de língua*, que informa sobre os signos e inclui a definição. Desses três tipos, classifica-os em dois grupos: o *dicionário geral*, que se ocupa de todos os signos de uma língua ou de todas as coisas pertencentes a uma dada civilização (dicionário etimológico), e o *dicionário especial*, que trata apenas de uma parte de uma ou da outra (dicionário de sinônimos). Para a Autora, o *dicionário de língua* é um dicionário geral que apresenta a coleção das palavras de uma língua, definindo-as. Sua nomenclatura abarca todas as classes de palavra, menos os nomes próprios, geralmente. Quanto à obra enciclopédica, Rey-Debove a considera também um dicionário geral, que nos informa sobre todas as coisas duma civilização, e inclui a definição delas. Inclui os nomes próprios, sendo sua nomenclatura essencialmente nominal, isto é, ocupa-se somente de substantivos.

Para Dubois *et alii*. (1973), os dicionários podem ser *monolíngües*, quando se ocupam de apenas uma língua, e *plurilíngües*, quando tratam de duas ou mais línguas. De acordo com os Autores, os dicionários classificam-se em:

- ♦ *dicionários das línguas científicas ou técnicas*, que tratam do vocabulário técnico nos seus aspectos lingüísticos;
- ♦ *dicionários de língua "lingüísticos"*, que focalizam os lexemas e suas funções na língua;
- ♦ *dicionários plurilíngües*, que são os mais antigos representantes da reflexão lexicográfica, tornam-se imprescindíveis no processo da tradução, em que ocorre uma "correspondência termo a termo entre duas ou várias línguas estrangeiras".

Apesar de os considerarem indispensáveis, afirmam que, no aspecto teórico, os dicionários plurilíngües "não podem oferecer mais que compromissos que apelem sem cessar para a intuição, em particular pela riqueza das construções propostas como exemplo." DUBOIS *et alii* (1973:188)

Haensch (1982) faz uma vastíssima classificação de tipos de obras lexicográficas, entre elas os dicionários. Expõe a sua tipologia sob o ponto de vista da lingüística teórica bem como dos critérios histórico-culturais e práticos. Para o Autor, é muito difícil proceder a essa classificação, pois tal tarefa envolve não apenas critérios lingüísticos, mas também questões históricas e culturais; há igualmente o problema de as obras lexicográficas apresentarem características que se originam de diferentes classificações. Por isso, propõe que sejam observados, em primeiro lugar, a história da lexicografia, depois os trabalhos existentes nessa área e, por último, os critérios teórico-lingüísticos. Ao apresentar detalhadamente a questão da tipologia dos dicionários, o Autor oferece um excelente guia para aqueles que se dedicam ao estudo da lexicografia.

## 2. Principais etapas na elaboração de um dicionário

Passaremos a falar agora sobre os principais passos no *processo de elaboração de um dicionário*.

Para a confecção da obra, deve-se pensar, em primeiro lugar, na equipe de dicionaristas que participarão dessa tarefa. Trata-se realmente de uma equipe, pois um dicionário é por demais trabalhoso para ser confeccionado por um só lexicógrafo, embora existam alguns casos em que isso ocorra. Claro está que esses profissionais devem possuir qualidades especiais, como um ótimo conhecimento do seu idioma, adquirido através de muita leitura do tesouro literário e cultural desse idioma, bem como ter um amplo conhecimento das suas variantes faladas. Devem ser conscientes de que seu trabalho está comprometido com os aspectos científico e cultural. E, sobretudo, aqueles que se dispõem a elaborar um dicionário devem ser dotados de muita paciência e dedicação, tal como um “monge na Idade Média”, para citar as palavras de Biderman (1984:28).

Um dicionário se fundamentará numa enorme coleção de dados léxicos e lingüísticos, que dará origem a um *corpus* representativo da língua, nas suas modalidades escrita e falada. Esse *corpus* fornecerá as informações sobre o léxico, bem como as abonações dos significados, dos usos e das palavras-entrada do dicionário. Para a criação desse banco de dados léxicos, o lexicógrafo deve se ater a um período de tempo que corresponda a uma etapa da evolução da língua. É necessário que, no banco de dados, sejam abarcadas todas as variantes escritas da língua, e não somente a linguagem literária. Também farão parte desse arquivo os textos técnico-científicos de várias áreas do conhecimento, os textos jornalísticos, bem como o material extraído da linguagem popular dos meios de comunicação de massa, tão relevantes nos dias de hoje. O volume de palavras e textos estará relacionado à dimensão da obra a ser elaborada, do mesmo modo que a extensão da macroestrutura dependerá do público a que se destina o dicionário. Esta (macroestrutura) compreende a lista de palavras do dicionário, sua ordenação, que pode ser por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras ou segundo um sistema conceptual (Haensch). Compreende ainda a parte introdutória (Introdução ou Prefácio), anexos e suplementos. Processado e armazenado no computador, o arquivo de dados léxicos dará origem aos dois primeiros elementos para que um dicionário seja confeccionado:

1) *Indice verborum*: representa as palavras coligidas e ordenadas hierarquicamente, de acordo com o critério de frequência de uso, em ordem decrescente, isto é, das mais freqüentes às menos freqüentes.

2) Uma concordância das palavras em contexto, isto é, todas as palavras serão agrupadas em blocos em que ocorreu a mesma palavra-chave em todos os contextos em que ela apareceu.

Realizadas essas duas etapas básicas, os lexicógrafos já poderão dar início à primeira tarefa para a elaboração de um dicionário: selecionar as palavras que constituirão a nomenclatura da obra. Segundo Biderman (1998), os lexicógrafos sabem que uma macroestrutura de 50.000 representa um número mais que suficiente para o falante médio, mesmo o culto. A seu ver, um homem culto domina, no máximo, 25.000 palavras, levando-se em conta tanto o seu léxico ativo quanto passivo. Mas, como selecionar 50.000 palavras (ou mais) do imenso acervo lexical existente em algumas línguas modernas de civilização que, com o advento das inovações técnico-científicas, tiveram um enorme número de palavras incorporadas ao seu léxico? A Autora assevera que, para que se possa realizar uma seleção criteriosa e científica, é necessário recorrer a uma grande base textual, um gigantesco *corpus* de dados lingüísticos, para então se obter a nomenclatura pretendida, tendo como base critérios léxico-estatísticos. Esse *corpus* deverá conter, no mínimo, 10 milhões de ocorrências, inclusas todas as modalidades de discurso e / ou texto. Desse total, numa primeira etapa, selecionar-se-á as

palavras que ocorreram pelo menos 5 vezes (para uma nomenclatura de 50.000 entradas). Em seguida, o lexicógrafo deverá examinar, criteriosamente, as listas de palavras de frequência entre 1 e 5, para que se possa eventualmente selecionar outras unidades nesse conjunto. Vale lembrar que o dicionarista tem consciência de que a ocorrência de uma palavra que se dá uma vez ou outra na fala ou escrita de qualquer falante, não justifica a sua inclusão num dicionário de língua. No que tange aos “hapax legomena”, palavras que ocorrem apenas uma vez num *corpus*, são, na maioria das vezes, idiosincrasias de autores ou tecnicismos típicos do discurso científico, não devendo ser incluídas, a não ser em um dicionário tipo *thesaurus*.

Já para Hernández (1989), outros critérios devem ser igualmente levados em conta na seleção da nomenclatura de um dicionário, a saber: uma avaliação criteriosa sobre o uso, assim como sobre a necessidade e o prestígio, que influenciarão na decisão de incorporar ou não uma determinada unidade léxica à nomenclatura de um dicionário.

Ainda em relação à nomenclatura, o lexicógrafo deve enfrentar questões de difícil solução, como a dos regionalismos, já que o seu conceito, “especificamente do *regionalismo lexical* é muito ambíguo” (Biderman, 1998:133). Além disso, há que se deparar com outros pontos delicados e complexos como os neologismos, os arcaísmos, os derivados morfológicos, os terminologismos, os empréstimos estrangeiros, as palavras da linguagem não-convencional como os vulgarismos e os termos chulos, e os derivados de nomes próprios. Contudo, não podemos perder de vista o fato de que a seleção das unidades lexicais realizada pelo dicionarista será sempre relativa ao tamanho da nomenclatura e ao seu público-alvo.

Um outro aspecto importante a considerar na confecção do dicionário é a documentação dos significados e usos lingüísticos. O lexicógrafo deve preocupar-se com os contextos que o auxiliarão na abonação dos significados, as construções e os usos a serem apresentados. Em relação a essa questão, de há muito, os dicionaristas utilizam fontes autênticas para documentar suas informações sobre as entradas do dicionário.

Na seqüência, vem a complexa tarefa de redigir os verbetes, alguns deles possuindo um modelo tradicional, o qual é seguido pelos lexicógrafos. O formato do verbete pode ser assim descrito: após a palavra-entrada, na sua forma canônica ou lema, é apresentada a categoria léxico-gramatical da mesma; logo após uma paráfrase do significado, ou das várias acepções de sentido se a palavra for polissêmica; e as construções e/ou usos, para as palavras instrumentais. Informações de ordem gramatical são também apresentadas, como: plural irregular, formas verbais irregulares etc, bem como informações sobre a pronúncia e a etimologia da palavra em epígrafe, dependendo do tipo de obra lexicográfica.

O passo seguinte a ser enfrentado pelo lexicógrafo é a definição lexicográfica; a linguagem a ser empregada deve ser clara de modo a facilitar o entendimento do consulente. Para tanto, é necessário que o lexicógrafo redija a definição ou explicação da palavra-entrada em uma linguagem simples, procurando sempre utilizar palavras muito freqüentes na língua, de preferência aquelas que façam parte do vocabulário básico. A esse respeito, Gold (1980) coloca a seguinte questão: se para uma palavra-entrada como “prankster” for dada a definição “person who plays pranks”, o consulente poderá ficar em dúvida em relação à palavra pranks e, assim, ter que fazer uma nova consulta no dicionário, o que poderia representar um inconveniente para ele.

Lamentavelmente, há muitos dicionários do português e de outras línguas que apresentam sinônimos para definir o significado da palavra-entrada, em vez de uma definição, o que pode acarretar a desagradável circularidade: ao conferir o sentido dos sinônimos referidos, o consulente depara-se com verbetes que o remetem de volta à palavra de que partiu. Por isso, é preferível a definição por meio de uma paráfrase, que

possui, na realidade, função de sinônimo metalingüístico. O dicionarista deve ter ainda em conta o problema da identificação dos sentidos e das acepções, bem como a ordem destas, que deve partir da mais genérica até a mais específica.

Também devem ser indicados no corpo do verbete, quando existirem, os sinônimos, antônimos e parônimos relativos à palavra-entrada, de modo a propiciarem ao consulente um maior conhecimento das relações semânticas entre as palavras, possibilitando-lhe maior riqueza vocabular. É muito importante que o lexicógrafo faça referências cruzadas e/ou remissões, que revelam as redes léxico-semânticas em que se estrutura e organiza o léxico de uma língua.

Finalmente, um outro detalhe que faz parte da confecção de um dicionário e é de grande utilidade para quem o consulta é a preocupação do dicionarista em relação à indicação dos registros lingüísticos, isto é, a informação de que uma palavra pertence a um registro lingüístico formal, informal, vulgar, gíriático, ou se se trata de um tecnicismo, neologismo ou arcaísmo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez apresentadas algumas reflexões a respeito do dicionário, trabalho lexicográfico de grande complexidade, na medida em que exige um processo extremamente árduo no que tange à sua confecção, esperamos ter contribuído, ainda que de forma modesta, para que o leitor tenha um melhor conhecimento desta obra tão útil, mas ainda tão desconhecida pela maioria das pessoas.

### ABSTRACT

This paper presents theoretical reflections on one of the most important lexicographical works: the dictionary. Some topics will be focused, such as: the dictionary, the dictionary types and the main steps in its making.

**KEYWORDS:** Dictionary. Lexicon. Lexicography. Type. Making steps.

### REFERÊNCIAS

- ALVAR EZQUERRA, Manuel. ¿Qué es un diccionario? Al hilo de unas definiciones académicas. *Lingüística española actual*. Madrid, ICI, v.2(1), p.103-18, 1980.
- BIDERMAN, M.T.C. O dicionário padrão da língua. In: *Alfa*. São Paulo, UNESP, v.28 (supl.): 27-43, 1984.
- \_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *Alfa*. São Paulo, UNESP, v.42 (n.esp.): 129-142, 1998.
- DICIONÁRIO OXFORD ESCOLAR para Estudantes Brasileiros de Inglês. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DUBOIS, Jean. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.
- DUBOIS, Jean *et alii*. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ETTINGER, Stefan. La variación lingüística en lexicografía. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p.359-94, 1982.
- GOLD, D.L. The dictionary and lexical structure. In: *Babel*. v.XXVI (3): 152-160, 1980.
- HAENSCH, Günther. *et alii*. *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HAENSCH & WOLF. *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid, Gredos, p.12, 1982. (Introducción)

HERNÁNDEZ, Humberto. *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Niemeyer, 1989. (Lexicographica : Series maior; 28)

\_\_\_\_\_. A typological classification of dictionaries on the basis of distinctive features. In: *Problems in lexicography*. Bloomington, Indiana University, 1975, p.3-24.

OXFORD Advanced Learner's Dictionary of Current English. 5. ed., Oxford: Oxford University Press, 1995.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. In: *Alfa*, São Paulo, UNESP, v.28 (supl.):45-69, 1984.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

CASARES, Julio. *Nuevo concepto del diccionario de la lengua y otros problemas de lexicografía y gramática*, Madri: Espasa-Calpe, 1941.

MALKIEL, Yakov. "Lexicography". In: Carrol E. Reed, ed. The Learning of Language. New York : Meredith Corporation Appleton-Century Crofts, 1971.